

Narrativas e lacunas discursivas: uma análise da cobertura jornalística do Jornal O Dia acerca dos primeiros casos de Aids em Teresina -PI, no ano de 1987¹

Pedro Arimateya Franco Carvalho²

Rosane Martins de Jesus³

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

RESUMO

Neste trabalho, analisamos a cobertura jornalística dos primeiros casos de AIDS, no Estado do Piauí, noticiados pelo jornal O Dia. Nosso *corpus* de pesquisa compreendeu as edições publicadas entre os dias 1 de janeiro de 1987 e 31 de dezembro de 1987. O principal objetivo era identificar como a temática foi abordada no âmbito deste jornal impresso. Ao final da análise, identificamos que a cobertura teve os órgãos oficiais como as principais fontes, além de reforçar os preconceitos da época diante da doença.

PALAVRAS CHAVE: aids; hiv; saúde pública, LGBT

1. Introdução

Os meios de comunicação tem um papel fundamental na forma como o receptor vê e entende a informação, com isso muitos conceitos e preceitos sobre a doença permearam a nossa sociedade e permanecem até hoje. De acordo com Adorno (1954) quanto mais as pessoas conceberam esses estereótipos mais difícil é para que ocorra uma mudança de ideias, principalmente quando a doença passou a ser atrelada a comunidade LGBT⁴. Segundo Valle (2002) a imprensa começou a sair da visão que a Aids era “doença

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação, Saúde, Meio Ambiente e Popularização da Ciência”, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025, na Universidade Federal do Ceará. Ressaltamos que os resultados aqui apresentados são parte dos resultados iniciais de uma pesquisa em andamento que esta será apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, campus Torquato Neto.

² Estudante de Graduação 8ª. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, email: pedroafc@aluno.uespi.br

³ Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Professora Adjunta do Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí. email: rosanemartins@cceca.uespi.br.

⁴ A sigla LGBT significa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. Com o passar das décadas a sigla foi sendo ampliada para representar diversas outras orientações sexuais, sendo, ampliada para LGBTQIAPN+.

gay” com o surgimento de casos em outros grupos da sociedade como em mulheres e crianças. O autor destaca a força da mídia na mediação sobre alguns temas, principalmente na “maior epidemia do século”.

Era na chamada comunidade gay que a AIDS avançava de forma mais intensa, especialmente pelo predomínio da promiscuidade, a categoria cultural explicativa mais central na época. Concepções de lugar, de identidade sexual e de diferença de classe constituíram bem cedo a representação da AIDS. Em resumo, a imprensa teve o papel fundamental de criar uma genesis homossexual para a epidemia (Valle, 2002, p. 184).

Desse modo, compreender como as narrativas jornalísticas foram construídas ajuda no aprimoramento do processo de percepção de como os discursos acerca de determinadas temáticas foram se estabelecendo ao longo das décadas. Neste trabalho, apresentamos uma análise da cobertura jornalística dos primeiros casos de Aids notificados em Teresina-PI, através das páginas do Jornal O Dia, no ano de 1987. A ideia de pesquisar a cobertura da Aids através das páginas do Jornal O Dia, surgiu pelo fato do periódico ser o impresso mais antigo, ainda em circulação, na capital piauiense. Nosso corpus de pesquisa compreendeu o período de 1 de janeiro de 1987 a 31 de dezembro de 1987 (intervalo este, onde os primeiros casos da doença foram registrados, na capital piauiense).

2. Fundamentação teórica

Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (2024) o primeiro caso de Aids (Síndrome da imunodeficiência adquirida) no Brasil, foi notificado no interior do estado de São Paulo em 1980. Porém, a doença causada pela infecção do vírus HIV passou a ter notoriedade apenas 1983, quando a medicina foi capaz de diagnosticar que era um caso de Aids. É importante entender a diferença entre os dois termos já que ambos podem parecer ser a mesma coisa, quando na verdade não são.

O vírus HIV ataca e destrói as células do sistema imunológico. Se ele não for controlado, leva à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) que é um quadro em que o CD4 (um tipo de células de defesa do organismo) está em níveis baixos e, por isso, surgem co-infecções, chamadas de doenças oportunistas (Prudence, 2023, p. 1).

De acordo com Fausto Neto (1999) assim que começou a ser noticiada no país, alguns termos começaram a ser usados para identificar a epidemia, como na edição de outubro de 1983 do jornal O Globo, onde a Aids é caracterizada como doença dos 5 H, sendo eles: Homossexuais, Hemofílicos (Pessoas com deficiência de hemoglobina no sangue), Haitianos (Pela prevalência de casos de Aids em imigrantes haitianos, nos Estados Unidos), Heroinômanos (usuários de heroína injetável), Hookers (profissionais do sexo em inglês). Talvez seja essa epidemia o maior ataque já sofrido pela comunidade, não só por ela, mas por todas as pessoas que sentiram o amargo sabor de contrair a doença em seus tempos sombrios. Mesmo após 40 anos, onde temas como corpo e sexualidade se tornam assuntos ditos livres, falar sobre a doença continua sendo algo cercado de tabus.

Importante esclarecer que os jornais impressos quando utilizados como fontes históricas possibilita a compreensão do contexto, a partir do qual foram sistematizados os discursos jornalísticos. Assim, em análises de coberturas é fundamental está atento ao fato que “os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam” (Luca, 2006, p.140).

3. Principais resultados

No estado do Piauí, a doença demorou a ganhar as manchetes da grande mídia e só foi possível observar esse primeiro exemplo cerca de 4 anos após a confirmação científica do primeiro caso. No âmbito do jornal O Dia, isto ocorreu na edição N° 8336, publicada no dia 10 de fevereiro de 1987. Um box em preto anunciava “Três casos de Aids no Piauí”. A primeira matéria sobre o caso veio bem singela e sem muito alarde “Autoridades negam mas, Piauí tem 3 vítimas da AIDS”.

A informação foi vazada com exclusividade, aos jornalistas do jornal O Dia, por uma enfermeira do Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas (HDIC). Mesmo que escrita em poucas linhas e com apenas duas colunas, a notícia veio cheia de estereótipos “Os três pacientes apresentaram os principais sintomas da Aids: vômitos, diarreia, febre e são homossexuais”, diz.

Três dias depois, na edição N° 8338, publicada no dia 13 de fevereiro de 1987, a doença ganhava sua primeira manchete no jornal O Dia: “Diretor do HDIC confirma, Piauí tem três casos de AIDS”. Essa edição traz pontos interessantes como, por exemplo, a informação de que o primeiro caso surgiu 1 ano e 6 meses antes da confirmação pela

imprensa, ou seja, a Aids estava no estado do Piauí, em agosto de 1985. Acredita-se que o homem tenha sido a primeira morte em decorrência de doenças oportunistas, apesar de que não foi possível ser feito o exame laboratorial para confirmar a doença.

Em agosto de 1987, a Aids foi manchete pela segunda vez no Jornal O Dia. “Mais dois casos de Aids no Piauí”, diz o título da edição Nº 8496, publicada no dia 25 de agosto de 1987. A informação foi confirmada pelo então diretor do Departamento de Assuntos Especiais de Saúde (DAES). Em entrevista, o médico destacou que as duas novas notificações do vírus foram possíveis por conta dos testes com doadores de sangue. Não foram divulgadas as identidades de ambos os pacientes, apenas que eles estavam no grupo dos homossexuais e bissexuais.

A última vez, no ano de 1987, que a Aids foi pautada no Jornal O Dia, foi na edição Nº 8587, publicada no dia 16 de dezembro de 1987. “Morrem mais duas pessoas com AIDS”, diz a terceira e última vez que a doença é manchete no ano. Os dois óbitos foram confirmados pela Secretaria de Saúde na data da publicação. A primeira vítima tinha 30 anos e desde que começou a fazer o tratamento, negou aos médicos de que seria homossexual, ou que teve envolvimento com homens. Ele morreu por complicações de encefalite, uma doença que causa inflamação no cérebro.

A segunda vítima confirmada também era do sexo masculino, segundo informações apuradas pelo jornal, ele tinha 50 anos, era de classe média e morava no interior do estado. Ele nunca chegou a ser internado para fazer o tratamento e morreu em casa no mês de outubro de 1987.

4. Considerações parciais

Com base nas observações iniciais concluímos que a cobertura dos primeiros casos da doença foi informativa, porém reproduziu os estigmas da época, e deveria ter sido feita de forma mais ética, de modo a evitar a reverberação de estereótipos que se segue até os dias atuais. Quantas as fontes utilizadas, percebe-se, até o momento, uma ênfase em fontes oficiais e uma abordagem superficial, tendo como foco apenas informar, sem preocupação em aprofundar uma apuração acerca do que foi noticiado.

Por fim, ressaltamos que esse trabalho constitui a sistematização das análises iniciais de uma pesquisa em andamento, e assim sendo as conclusões podem e deverão ser ampliadas até o término da pesquisa principal.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Nova Terra, 2002.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa**: estudo sobre a aids. São Paulo: Hacker, 1999.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **O vírus da Aids, 20 anos depois**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p.111-153.

PRUDENCE. **HIV e AIDS são a mesma coisa?**. Disponível em: <https://useprudence.com.br/paposerio/hiv-e-aids-sao-a-mesma-coisa/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

VALLE, Carlos Guilherme de. **Identidades, doenças e organização social**: um estudo das pessoas vivendo com HIV/Aids. Porto Alegre: Revista Horizontes Antropológicos, v. 8, n. 17, p. 179-210.